



Judite Canha Fernandes

A língua portuguesa a gostar dela própria

Gostamos com prazer o título da rubrica de Tiago Pereira na Antena 2, "A música portuguesa a gostar dela própria", já que, tendo em conta a evolução da língua portuguesa espelhada nos romances desde o 25 de Abril de 1974, não encontramos título mais perfeito. Com efeito, a língua narrativizada em *Um Passo para Sul*, de Judite Canha Fernandes, Prémio Revelação Agustina Bessa-Luis (instituído pela Estoril-Sol) 2018, dedicado a primeiras obras, constitui o sintoma de um momento final da evolução da língua portuguesa refletida nos romances: uma língua semanticamente referencial, concreta, falada pelo comum das gentes da Madeira, dos Açores, de Lisboa, de Cabo Verde e de São Tomé e Príncipe, desprovida de eloquência retórica, de barroquismo sintático, de formalismo morfológico, de complexidade semântica, como se desde o 25 de Abril a língua necessitasse de uma simplificação e de uma purificação de modo, não a incorporar, mas a fundir-se com os dialetos (as linguagens) nascidos da união entre si e as diversas zonas geográficas e culturais onde viveu durante cerca de 500 anos.

Não duvidamos ser a geração literária que começou a publicar já este século que tem vindo a operar essa fusão, criando, do lado dos escritores portugueses, um novo subgénero ou uma nova vertente, que poderíamos designar, não já por "literatura portuguesa", mas por "literatura lusófona". Será, porventura, uma nova fase na história da literatura portuguesa, a sua fase lusófona, praticada tanto por escritores portugueses como por escritores de todo os países onde se fala português. Desde a década de 1980 que os autores dos novos países de língua portuguesa alteraram radicalmente o horizonte da língua, enriquecendo-o de cambiantes não possíveis de serem criados apenas por escritores portugueses. Porém, desde a *Árvore das Palavras* (1997), de Teolinda Gersão, que o movimento também é inverso - escritores portugueses escrevem não segundo um horizonte exclusivamente português, mas segundo o horizonte linguístico da lusofonia. Aqui se insere a natureza literária de *Um Passo para Sul*.

Romance versando sobre ilhas, da língua portuguesa se poderá dizer que "o Atlântico é [foi] o seu feitiço secreto, a sua cura" (p. 183), a sua sobrevivência como língua internacional, não se tendo delirantemente refugiado em si própria após a queda do Império (como o fez após o período dos Descobrimentos, gerando o delírio poético medievocres do Barroco) e abrindo-se esteticamente a novas e salutares incorporações linguísticas. A ausência de tradução das falas crioulas de Josué e de Marilisa

é, no romance, justo sintoma de que a língua é uma só e os seus falares múltiplos (cf. a interessantíssima epígrafe, que, de certo modo, estabelece o sentido da totalidade do romance).

Neste sentido, no sentido da presença da multiplicidade, *Um Passo para Sul* constitui um romance fragmentário. Especialmente fragmentário (Madeira, Açores, Cabo Verde, São Tomé, Lisboa), temporalmente fragmentário (do tempo colonial ao momento da independência e ao tempo atual), esteticamente fragmentário (um puzzle narrativo, de que o leitor reconstrói a unidade do sentido), centrado em personagens caracterizadas de um modo fragmentário por via da narração de momentos exemplares da sua ação e personalidade, um narrador múltiplo cuja unidade (Ángela, Marilisa) nasce do cruzamento da mesma multiplicidade; e, finalmente, uma estrutura em estrela ou em "arquipélago", refletindo a

espacialidade natural do conjunto de arquipélagos sobre que se debruça (só a autora poderá confirmar se foi essa a sua intenção).

No desbravamento da unidade de sentido do romance, o leitor atravessa o colonialismo português (Cabo Verde e São Tomé); atravessa a emigração dos cabo-verdianos para São Tomé (país de Josué); atravessa o regime do Estado Novo e da luta do comunista madeirense Carlos; atravessa a estagnação social nos Açores e Madeira ante-25 de Abril (Olívia Maria e o casal Carlos e Ángela a viver nos Açores); atravessa a desorientação das gerações pós-independência das colónias (ambiente social em redor de Marilisa); atravessa o corte abrupto entre Portugal e

a descendência deixada nas colónias (Carlos e Marilisa); e, finalmente, atravessa a atual desorientação da geração europeia nascida em Portugal já este século (Ángela a consumir ansiolíticos), uma geração que se encontra a construir a sua própria identidade, isto é, uma nova identidade, não já só portuguesa mas também europeia e, segundo o romance, também lusófona (Ángela encontra a segunda oportunidade da sua vida em São Tomé).

A crescer a estes atributos de *Um Passo para Sul*, deve destacar-se o lirismo inerente à escrita de Judite Canha Fernandes. Leiam-se a epígrafe e o epílogo e damos conta de imediato da marca poética presente em todo o romance, um lirismo que não esmaga o realismo, ou, dito de outro modo, um realismo tão mais intenso quanto mais lírico se torna. Neste aspeto, a personagem são-tomense Josué condensa em si a vertente lírica do romance: desde que a mãe morreu e que Josué passou a ter uma existência solitária na sua casa-mercearia, que escreve e coleciona cartas a um "amor" desconhecido com a convicção absoluta de que um dia o encontrará em forma de corpo e espírito. Tê-lo-á encontrado? O leitor dará a resposta.

Para primeiro romance, *Um Passo para Sul* é, sem exagero, perfeito. ■



Judite Canha Fernandes



► Judite Canha Fernandes
UM PASSO PARA SUL

Grédias, 198 pp., 17 euros